

**TÍTULO:** CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA  
NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

**AUTOR:** Roberto Mauro Gurgel Rocha, Professor aposentado da  
Universidade Federal do Maranhão

A contextualização da extensão universitária no processo de avaliação institucional das universidades brasileiras, representa certamente um dos temas mais desafiadores em relação ao pensar e repensar da educação superior brasileira.

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que a extensão tanto vista em uma dimensão funcional,(1) como processual(2) deve representar a fisionomia da universidade para a sociedade da qual faz parte. E ela quem deve mostrar a grandiosidade ou pequenez das ações desenvolvidas. Quem concretamente deve definir o tamanho do compromisso institucional da Instituição de Educação Superior e a coerência da forma como a Universidade trata a população com quem interage, cumprindo o que a Lei de Diretrizes e Bases estabelece em seu artigo 43 – VI, quando destaca como finalidade da educação superior: ***“estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente em particular os nacionais e regionais, bem como”, prestar serviços especializados*** à comunidade e estabelecer como esta uma relação de reciprocidade. E no Parágrafo VII do mesmo artigo, a lei maior da educação nacional brasileira, complementa com outra finalidade a forma como se concretizará a prestação de serviços, que se dará ao ***“promover a extensão, aberta à participação da população, visando a difusão das conquistas e***

*benefícios da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”.*

Certamente, a formulação da Lei 9394, fornece um amparo legal e define o espaço da extensão, o que garante o reconhecimento desta como algo próprio e permanente da estrutura da Universidade. Todavia, não se pode deixar de levar em conta, a **praxis extensionista** e a evolução do conceito de extensão, que assinala mais incisivamente a necessidade de uma **relação parceira** entre universidade e sociedade, selando um compromisso mútuo, uma troca de saberes ou indo mais longe como definiu Paulo Freire, um processo de comunicação onde se estabelece uma ponte entre o saber sistematizado da universidade e das populações, instituições e organizações com quem esta interage. Neste sentido não se pode deixar de refletir seriamente e de levar em conta o que estabelece o conceito de extensão, definido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, quando destaca:

*“A extensão universitária é o processo educativo que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão dupla com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará na sociedade a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade docentes e discentes terão um aprendizado que submetido à reflexão teórica, seria acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados / acadêmico e popular, terá como*

*conseqüência a mudança de conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade”.*

A análise desta definição deve ser **tarefa obrigatória**, de todos os universitários que optam por uma **ação extensionista**. Não se pode ir à ação, sem um norte, sem uma baliza, que oriente esta atuação.

Além disso, o conceito em suas linhas e entrelinhas, mostra a necessidade de uma abertura da universidade ao seu meio, com a realização de cursos, seminários, simpósios, que propiciem a presença em seu espaço daqueles que não têm ou não tiveram a possibilidade de estar presentes em seus cursos de graduação ou que precisam atualizar ou especializar suas formações anteriores. O ir e vir à realidade e a presença da sociedade neste sentido, se materializa de forma mais ampla.

A partir das colocações anteriores já se vão delineando critérios de avaliação institucional da universidade, levando em consideração ou tendo como parâmetro a extensão universitária.

A Universidade deve:

- 1. por via da extensão universitária, abrir-se em relação ao seu meio, a uma articulação com as instituições, organizações e populações, ampliando o espaço de atendimento da educação superior;*

2. *reavaliar suas concepções, pedagógicas, metodologias e técnicas utilizadas, enfatizando a importância do aprender, um aprender a partir de situações concretas, um aprender que tenha a pesquisa como princípio educativo que oriente inclusive o ensino;*
  
3. *comprometer-se mais concretamente com os grandes problemas que afligem a sociedade brasileira e a sociedade mundial, em relação aos desafios colocados pela globalização, especialmente no campo econômico. A universidade nasceu para responder a uma situação de crise cultural na Idade Média e sempre esteve presente nas situações de mudança social, não podendo abdicar deste espaço, na medida em que é aí onde se garante a legitimidade do conhecimento e onde se afirma a validade da existência da instituição;*
  
4. *buscar ser um centro de excelência ou de eficácia, sem deixar de priorizar contudo, o exercício de sua missão social, o que reforça a força do extensionismo, um extensionismo que tem de ser orgânico no que diz respeito a educação superior como um todo.*

E muitas outras considerações podem ser feitas levando em conta a questão da totalidade do saber; a existência da interdisciplinariedade, transdisciplinariedade; a criação de formas de comunicação mais simples e diretas entre a instituição da educação superior e o povo, superando o uso de

linguagens complexas, herméticas e indecifráveis, que distanciam a universidade de outros atores sociais... E por aí se vai..

A partir da rápida análise feita, verifica-se a importância de uma reflexão ampla sobre o tema proposto, principalmente se levar-se em conta o contexto atual do Brasil, onde pela primeira vez tem-se um operário que chega a assumir a Presidência do País. Um operário migrante saído do campo de Pernambuco, vivenciando as agruras de adaptação ao processo urbano de São Paulo, passando da condição de vendedor de amendoim, a operário altamente especializado o que lhe garantiu uma competência própria, e liderança sindical e política reconhecida historicamente agora pelo voto nacional. Lula é intelectual orgânico do Proletariado na concepção *Gramsciana*. É um ente humano que sempre fala que todos têm o direito de ser felizes, que prioriza o que é essencial mais imediato no sentido do direito do povo, do resgate da dignidade dos mais pobres ou miseráveis, da superação da exclusão social em todos os níveis. Aí estão para ser ocupados pela universidade, espaços que permitem a definição concreta de seu compromisso histórico.

Estão colocadas as possibilidades das universidades e instituições de educação superior de um modo geral, sejam elas públicas ou privadas; o Projeto Fome Zero, que deve beneficiar a trinta e dois milhões de brasileiros e que mesmo antes de seu início, já conquista a adesão da ONU; o Projeto Desemprego; a Proposta para Educação, que prioriza o processo educativo, tirando o foco do produto final, *“nos moldes de controle de qualidade implantado na linha de produção nas empresas”*.(3)

Está também colocada a idéia de um Pacto Social, onde a partir da discussão de encaminhamentos de propostas dos diferentes segmentos sociais, sejam encontradas formas de convivência e fórmulas para a superação dos problemas encontrados em todo o país.

Muitas serão as dificuldades a enfrentar, mas, o desejo de superação, será maior que o medo de avançar. A esperança é a palavra chave, a negociação é a atitude básica; participação e construção democrática são os eixos do processo do trabalho a ser executado. Estão aí proposições do discurso dos extensionistas universitários de vários tempos históricos, onde em alguns momentos, o compromisso com a extensão levou a exílios e prisões, mas, selou alianças fortes com o operariado e os trabalhadores rurais especialmente nas universidades populares, matriz principal do extensionismo latinoamericano. As Universidades Populares do Perú e de Cuba, foram exemplares no sentido não somente de projetos de extensão, mas, de vivenciamento de práticas de avaliação da docência, da investigação e da Universidade como um todo(4). A sua práxis, inspirou o conteúdo do *Manifesto Liminar de Córdoba*, a primeira grande Reforma Universitária da América Latina, ocorrida na Argentina em 1918. Tem-se, portanto, uma história a considerar, onde a avaliação foi ponto para construção de uma nova proposta de universidade,

Tem-se igualmente de lembrar, de que estamos retomando uma história interrompida em início dos anos 60, quando havia espaços do Governo Nacional que tinha como presidente João Goulart, que permitiam pensar avanços no sentido de reforma de base e o sonhar com a construção de uma sociedade mais democrática. Os estudantes de então tinham a coragem de

expressar propostas e projetos historicamente guardados nas cartas da União Nacional dos Estudantes (UNE) elaboradas em encontros realizados na Bahia, Paraná e Minas Gerais. Atualização histórica é necessária. É indispensável porém a consideração da memória.

Para concluir, é importante expressar que consciente e inconsciente a avaliação faz parte do cotidiano do ser humano. Como expressa André du Rapp, um sobrevivente do massacre do Carandiru:

*“a cada dia, Deus dá uma página em banco, que é um dia novo. Quem vai escrever nele? Somos nós. O dia tem as mesmas horas, e os mesmos minutos, e os mesmos segundos. Mas ele se torna diferente, um não é igual ao outro. Você programou seu dia, mas nunca sai da maneira que você imaginou, que você programou, imaginou. Deus dá uma página em branco todo dia”.*

(Sobrevivente André du Rapp – Do Massacre do Carandiru – São Paulo: Labortexto Editorial, 2002, p 112)

É importante analisar o pensamento de André, por sua riqueza e por ser o mesmo uma expressão viva da forma de pensar do saber popular.

Deus certamente pode dar a *página em branco*, mas a Universidade tem de ter uma organização e um Projeto que permita preencher esta página, bem fundamentado a serviço do bem estar geral, da justiça social, dos cuidados com seres vivos e com a casa maior da humanidade, a Terra.

Este é o objetivo da extensão, no contexto da avaliação institucional da universidade.

VAMOS A LUTA!

#### Referências Bibliográficas:

- (1) A dimensão funcional da extensão, é expressa através de forma que a encara como uma terceira função da universidade, complementar às funções de ensino e pesquisa;
- (2) A dimensão processual, reflete a extensão como uma trajetória educativa, uma caminhada, que se dá por via da pesquisa, do ensino e do atendimento a outras demandas da sociedade;
- (3) Citação dos subsídios para debate do Programa de Governo de Lula, ver página 81;
- (4) A matriz das universidades populares na América Latina tem como base a experiência de universidade espanhola de origem anarquista, sendo fortemente disseminada junto aos movimentos estudantis. No Brasil, as universidades populares tiveram a matriz positivista, sendo sua maior expressão a existente na Universidade Livre de São Paulo a partir de 1909



